https://doi.org/10.51359/2763-8693.2024.260626

Cartema | ISSN: 2763-8693

Possibilidades do ordinário: a abstração do concreto e seus acasos

Posibilidades de lo ordinario: la abstracción de lo concreto y su acaso

Possibilities of the ordinary: the abstraction of the concrete and its chance

Tiago Nunes Soares[1]
Universidade de São Paulo

O ensaio visual aqui apresentado é fruto de algumas experimentações com edição de imagens – usando um aparelho celular, um aplicativo de edição de imagens e goma de mascar – realizadas no embalo de algumas reflexões acerca da espontaneidade do sentido da obra de arte a partir da noção de acaso. O objetivo foi explorar possibilidades criativas na relação com um objeto ordinário, como uma goma de mascar e sua maleabilidade. Para a edição das imagens, apresentadas a partir da Figura 2, utilizei o aplicativo Pixlr, em sua versão gratuita, presente no catálogo Google Play Store quando da realização dessa experiência artística, datada de 2021.

Apesar de toda deliberação envolvida desde a confecção das pequenas esculturas em goma de mascar – o ângulo para a foto, a luz, a seleção de fotos que seriam utilizadas e a escolha de quais resultados seriam apresentados nesse ensaio –, o que pretendi explorar foi o grau de casualidade permeando todo esse processo e a expressividade da própria matéria usada. Primeiramente porque, como afirma Dufourcq (2015, p. 168):

[1] Licenciado em filosofia (2011) pela Faculdade SantAna e mestre em Filosofia (2017) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente, doutorando em Filosofia pela USP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8975336888358850. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7795-8116. E-mail: tnschw@usp.br.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

> A própria matéria esboça um sentido, em uma espécie de sinestesia de alguma forma transcendental, assim como as notas de uma melodia ressoam umas nas outras e nos dão a unidade de um tema que nos faz sentir irresistivelmente as notas que virão, mas com uma margem de indeterminação precisamente devido à imanência da forma ao fluxo heraclitiano de esboços contingentes que são diferentes uns dos outros (Dufourcq, 2015, p. 168).

Em segundo lugar porque não foi um projeto preconcebido com um objetivo claramente determinado; não foi uma decisão visando um "isso", mas, sim, uma aventura modesta nos "ses" que o próprio processo apresentou.

Das esculturas retorcidas feitas com goma de mascar, surgiram possibilidades: e se eu fotografasse isso para registar a forma e, assim, pudesse reutilizar a goma para outra escultura? E se eu mudasse a superfície sobre a qual elas repousam? E se eu explorar um pouco mais da iluminação para produzir diferentes sombras? E se eu sobrepusesse essas fotos e mudasse os matizes e a saturação nessas sobreposições usando um editor de fotos no meu celular, colocando, também, alguns efeitos nelas?

Assim, a experiência continuou: eu sobrepondo, diminuindo, aumentando e girando uma imagem sobre a outra para encontrar talvez alguma harmonia, jogando com as possibilidades e esperando algo inesperado. A proposta foi tentar perceber as exigências impostas pelo próprio processo, e não exatamente por necessidades subjetivas. A sobreposição de imagens, a aplicação de efeitos e o redimensionamento de uma imagem sobre outra ocasionou mudanças de cores, revelou limites (o número de imagens usadas nas sobreposições não poderia ser excessivo, pois o excesso parecia afetar negativamente a experiência), expansões e contrações (nem sempre as imagens foram usadas em seu tamanho original para formar outra imagem, ou seja, a exploração envolveu redimensionamento das imagens, com ampliações e diminuições, além de rotações), recortes (causados sobretudo pela ampliação de imagens, deixando parte da foto original fora da tela de edição, mas também pelas "quebras" surgidas nas sobreposições, com linhas atravessando a imagem), emoldurações (como ocorreu na Figura 4, em que uma foto foi diminuída sobre outra, resultando no aparecimento de uma espécie de moldura na própria imagem), enfim, surgiram novas imagens a partir das possibilidades apresentadas pelas próprias imagens originais.

Muitos resultados não me agradaram, mas alguns chamaram minha atenção, fosse pelas formas ou cores obtidas, pelo conjunto de elementos oferecendo uma harmonia espontânea. As imagens apresentadas nesse ensaio foram as que restaram após todo o processo, em que várias esculturas e outras imagens foram descartadas – desde as fotos das esculturas até as composições editadas no aplicativo. Eu não sei dizer exatamente por que essas foram as que sobraram, mas arriscaria afirmar que elas pareciam ter algo a dizer sobre a espontaneidade, sobre os acasos misturados às nossas deliberações, algo que outras imagens também pareciam mostrar, porém com certa hesitação ou

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

fraqueza.

Uma pergunta permaneceu após essa experiência: é possível possibilitar acasos? Em outras palavras: o inesperado pode surgir da deliberação? Não tenho uma resposta completa, mas uma resposta possível está na noção de criatividade, que pode ser vista como desdobramento acontecendo entre a liberdade subjetiva das escolhas e as exigências do próprio desenrolar do processo criativo em sua contingência, o que torna a criação de uma obra, portanto, um caminho de expectativas e frustrações, sempre aberto ao novo, nunca totalmente contido na intenção inicial do artista. Isso, talvez, porque a criatividade parece operar como capacidade ativa que exercemos, mas também como algo do qual sofremos, e isso nos lança sempre no imponderável de um caminho no qual não temos destino certo, a não ser a realização de algo na fluidez do mundo concreto.

> O potencial criador não é outra coisa senão essa disponibilidade interior, essa plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ela vem acompanhada do senso do maravilhoso, da eterna surpresa com as coisas que se renovam no cotidiano, ante cada manhã que ainda não existiu e que não existirá mais de modo igual ante cada forma que, ao ser criada, começa a dialogar conosco. É nossa sensibilidade viva, vibrante (Ostrower, 2013, p. 263).

Dessa forma, falar em abstração do concreto não soa absurdo se encararmos as coisas como possibilidades de diálogo e se estivermos abertos ao acaso emaranhado em sua exploração, pois a manipulação de objetos concretos e definidos pode fazer surgir imagens abstratas, indefinidas e sobretudo inesperadas. E se as coisas nesse ponto parecem um tanto confusas, penso que essa interessante reflexão pode nos auxiliar na compreensão do papel do acaso e seu emaranhamento nas deliberações no processo de criação artística:

> Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminhar. Cria formas, dentro de si e em redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas do seu fazer, nas formas do seu viver. Chegará a seu destino. Encontrando, saberá o que buscou (Ostrower, 2009, p. 76).

Podemos dizer, portanto, que uma criação não surge por acaso, sem intenção do artista, mas sem o acaso engendrando todo o processo criativo, não haveria possibilidades na realização de uma obra. O acaso parece nutrir a plasticidade da vida, que pode ser traduzida, em alguma medida, pela plasticidade da obra, seja ela figurativa ou abstrata.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Figura 1 – Fotos, feitas com celular Xiaomi Redmi 8, das pequenas esculturas em goma de mascar

Fonte: O autor.

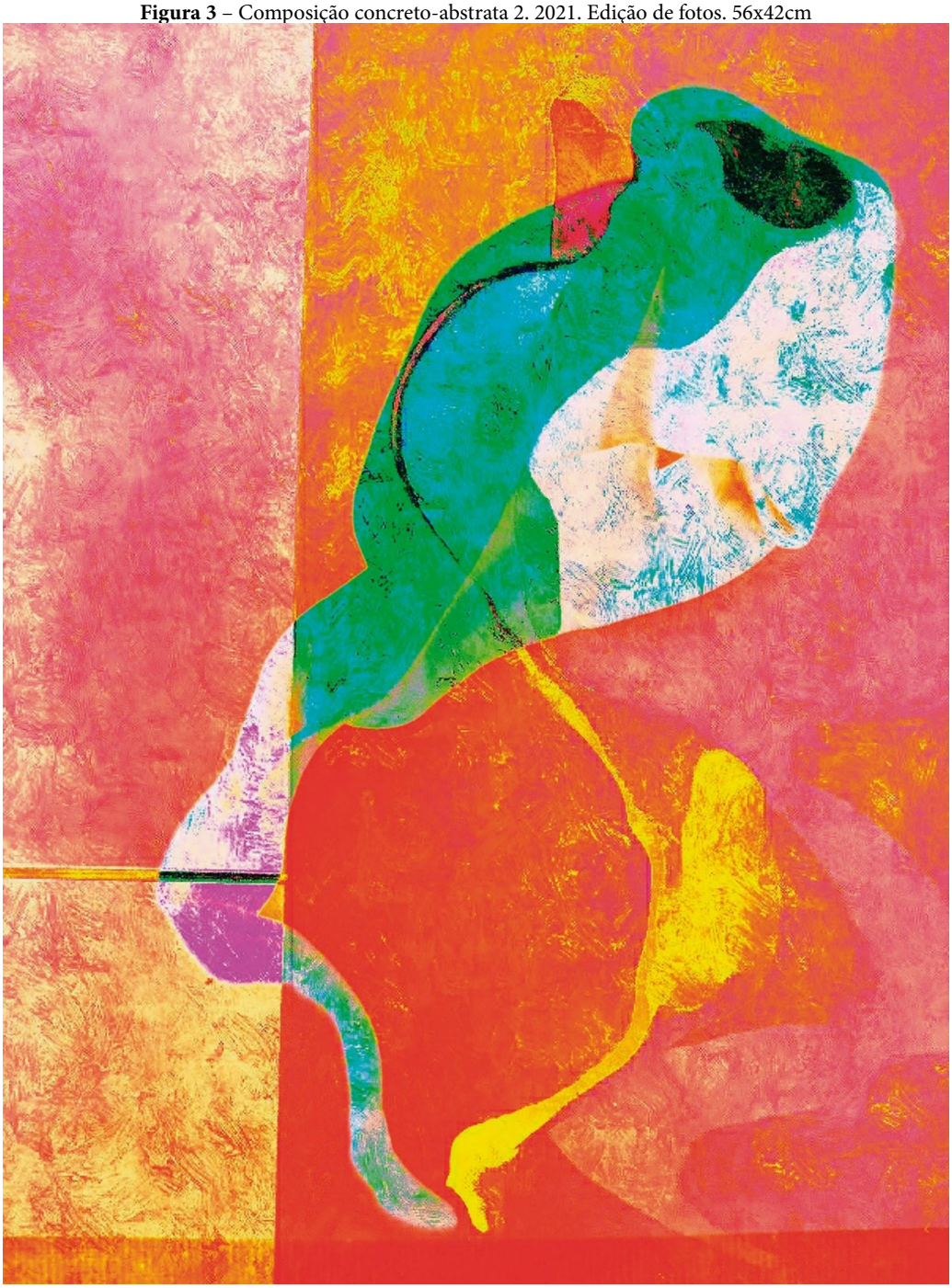
Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Figura 2 – Composição concreto-abstrata 1. 2021. Edição de fotos. 53x42cm

Fonte: O autor.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Figura 3 – Composição concreto-abstrata 2. 2021. Edição de fotos. 56x42cm



Fonte: O autor.

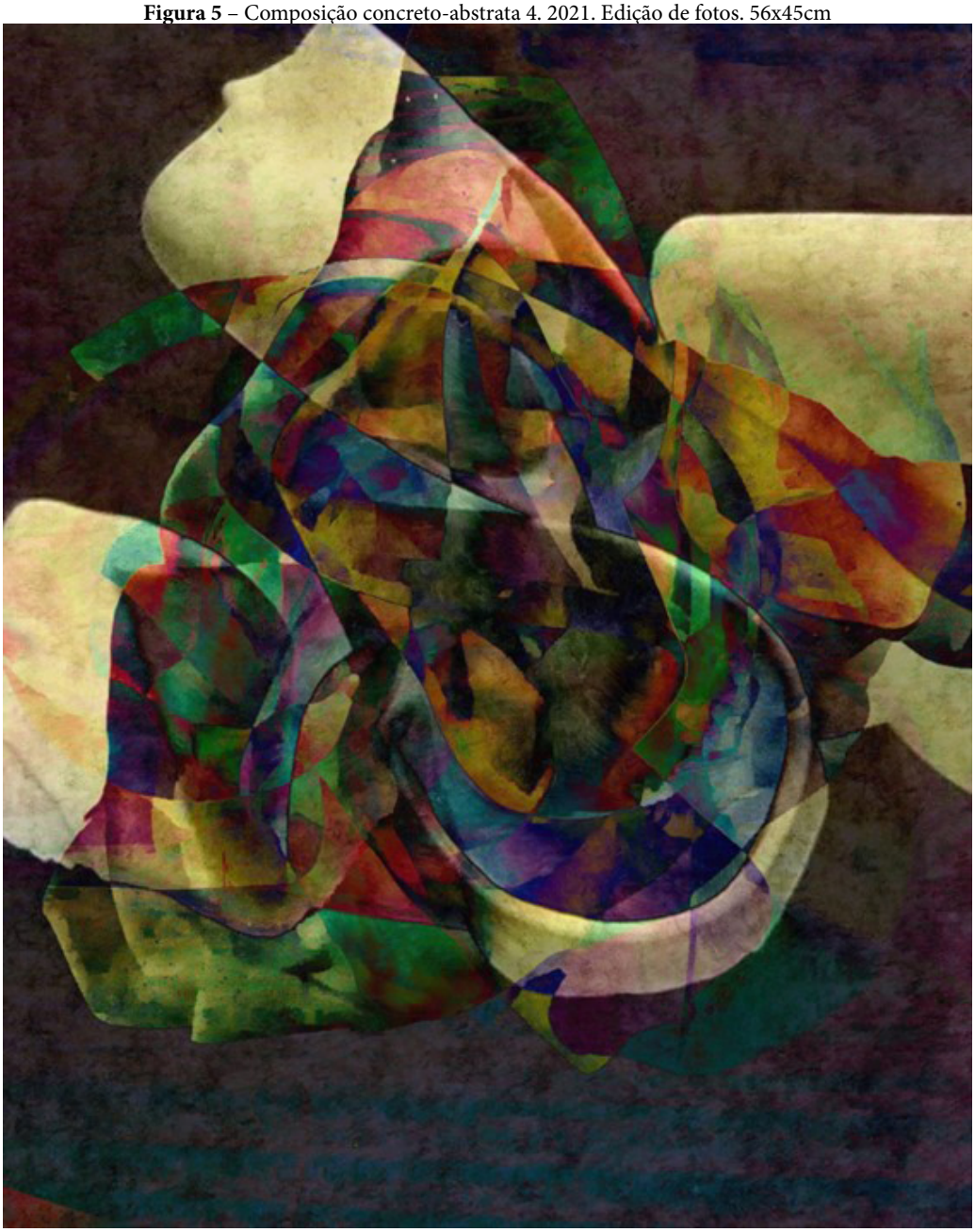
Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Figura 4 – Composição concreto-abstrata 3. 2021. Edição de fotos. 24x19cm

Fonte: O autor.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

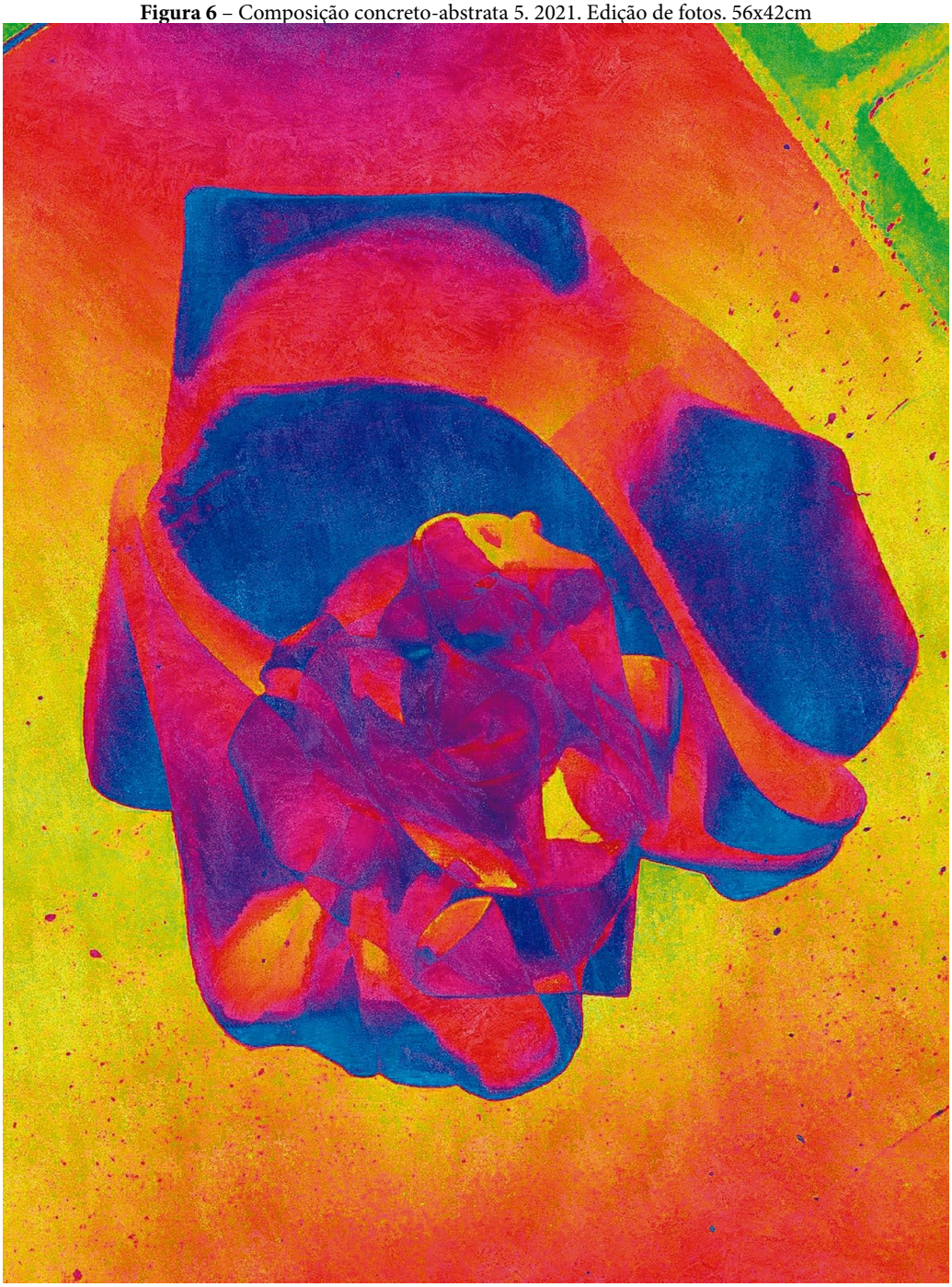
Figura 5 – Composição concreto-abstrata 4. 2021. Edição de fotos. 56x45cm



Fonte: O autor.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Figura 6 – Composição concreto-abstrata 5. 2021. Edição de fotos. 56x42cm



Fonte: O autor.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Referências

DUFOURCQ, A. Phénoménologie de l'imaginaire contre principe de réalité: Merleau-Ponty et l'inconscient. *In.* GYEMANT, M.; POPA, D. (Ed.). *Approches phénoménologiques de l'inconscient*. Hildesheim: Olms, 2015. p. 161-187.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. São Paulo: Vozes, 2009.

OSTROWER, F. *Acasos e criação artística*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

Submissão: 23/02/2024
Aprovação: 23/05/2024

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)